

Caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens:

Sempre encarei a investigação sobre «juventude», quer de um ponto de vista sociológico (Frith 1984; Galland 1997), quer na perspectiva mais ampla e transdisciplinar dos «estudos de juventude» (Furlong 2013; Wyn e Cahill 2015), como um excelente barómetro para a captação de tendências sociais emergentes em várias dimensões da vida quotidiana. Não descurando o foco nas continuidades e nas forças de reprodução social a que estão sujeitos, muitas vezes apenas sob «novas roupagens», os mundos juvenis configuram, de facto, laboratórios que desafiam constantemente as ciências sociais quer de um ponto de vista teórico – estimulando a criação de novos conceitos para a compreensão e explicação de novas realidades – quer de um ponto de vista metodológico – ativando a necessidade de criar novos instrumentos (ou reequacionar os mais ortodoxos) e técnicas de captação, sistematização e análise dessas mesmas realidades.

A pluralidade de experiências e situações sociais, as incertezas e indecisões nas expectativas, a instabilidade e as provisoriidades nos projetos, as reversibilidades e as contrariedades nas itinerâncias, a visualização e a digitalização massiva das existências (dos ambientes, dos corpos e das práticas), constituem novos *desafios* na vida social dos jovens que impelem a novos *caminhos* de investigação,¹ não apenas em termos de objetos de estudo, mas também de aproximações teóricas e de desenhos de pesquisa.

É neste contexto que cada vez mais autores têm vindo a questionar a capacidade do «método» – tomado como conjunto de regras metodológicas e técnicas a seguir na procura de determinados modelos fixos sobre

¹ Os estudos sobre juventude tendem a ser cada vez mais um campo de estudo onde se cruza uma multiplicidade de tradições teóricas e metodológicas das ciências sociais, mais do que uma área restrita.

o objeto de investigação –, em lidar com as novas realidades e complexidades do mundo contemporâneo, em abraçar as suas instabilidades, ambiguidades, incertezas, em encarar a sua efemeridade, fugacidade e fluidez e, em última instância, em capturar o desconhecido sem cálculos de previsibilidade e resultados esperados (Back 2007; Law 2004; Pais 1995; Kara 2015; Nisbet 2000 [1962]).

Dada a natureza aparentemente caótica da sociedade contemporânea, existem efetivamente sérios riscos em seguir à risca os caminhos em linha reta sugeridos por manuais de metodologia, nomeadamente quando temos pela frente pesquisas com e sobre realidades juvenis (Allaste e Tiidenberg 2016; Heath e Walker 2012). Ir armado de certezas teóricas e regras metodológicas para enfrentar as aventuras que os mundos juvenis hoje convocam, refugiando-se no seguidismo de métodos mais padronizados, é meio caminho andado para se andar em círculo e se chegar onde já se conhece.

O método é um caminho a seguir, entre inúmeros possíveis, para responder a uma questão de partida. Corresponde a um conjunto de procedimentos técnicos articulados entre si no sentido de descobrir um *enigma* (Pais 2002, 55), integrado num desenho de pesquisa que tem como finalidade resolver um problema teórico (por vezes, também um «problema social») em défice de explicação e/ou compreensão, ancorado num determinado terreno empírico. É neste sentido que o método é, também, teoria, implicando-se recíproca e simultaneamente na construção de um «objeto de estudo». Quando se opta por um desenho de pesquisa, está a optar-se por uma forma de construir o «objeto de estudo», em termos de articulação entre problemática teórica e de inquirição empírica. Ou seja, está a optar-se por uma certa parcela e versão da realidade, de preferência ainda submersa.

A escolha da realidade a versar acontece exatamente no momento em que o método é escolhido, enquanto conjunto articulado de procedimentos que a delimitam e a tocam. Os «dados» sobre a realidade retratada não são, portanto, *colhidos* mas *produzidos* pelas lentes do método. O desenho da pesquisa é teoricamente justificado, sendo que a teoria não tem necessariamente uma função de comando do trabalho de terreno, mas sobretudo uma função de acompanhamento, através do desenvolvimento paralelo de hipóteses de explicação e princípios de interpretação.

A cada novo desafio colocado pelo terreno, um novo método precisa de ser inventado. Novas realidades do mundo contemporâneo fazem emergir novas questões de partida, novas áreas de problematização,

novos terrenos de mineração de dados empíricos, e novas formas de produção e gestão dos mesmos. Para que estas novas condições resultem em formas adequadas de explicação e compreensão sociológica, há que mobilizar novos caminhos metodológicos, com criatividade, reflexividade e pragmatismo. Caminhos que, à partida, se fazem caminhando, ou seja, onde os mapas que cartografam os imaginários (teóricos e subjetivos) que estimulam a pesquisa (e os procedimentos nele articulados) sejam suficientemente flexíveis para se irem adaptando às novas questões que vão emergindo, tenham a capacidade de (se) experimentar, de correr riscos, de improvisar, de voltar atrás e tomar novos rumos, até de errar (e de revelar e discutir esses erros!), para que se encontrem as melhores formas de capturar a complexidade e o desdobramento pós-linear dos rumos de vida juvenis nos dias de hoje.

Objetivos do livro

Ora, é justamente neste plano epistemológico que este livro se coloca. O seu conteúdo não reflete um manual de metodologia sobre como fazer estudos de juventude, antes propõe um conjunto de reflexões sobre diferentes caminhos metodológicos percorridos na recente pesquisa sobre adolescentes e jovens. Cada capítulo discute percursos metodológicos específicos, nos seus procedimentos e articulações, conduzidos por diferentes questões de partida e preocupações teóricas diversas sobre determinadas realidades juvenis. Percursos esses que têm em comum o facto de terem sido particularmente úteis a um conjunto de investigadores de língua portuguesa na compreensão e na resposta a determinados enigmas relativos a vivências e experiências de jovens do século XXI, através de caminhos mais indutivos que dedutivos, e de abordagens qualitativas que partem das vozes juvenis e dos mundos em que os jovens se movem.

Cada autor ou conjunto de autores testemunha as formas como enfrentaram metodologicamente os desafios a que foram sendo expostos nos seus processos de pesquisa com jovens, e como foram sendo resolvidos (ou não). Ao enraizar a discussão metodológica em exemplos concretos de investigação, o objetivo fundamental deste livro é fornecer ao leitor *insights* reflexivos que tornem transparentes as decisões (e indecisões) subjacentes a qualquer processo de produção de dados empíricos. A densidade desses caminhos metodológicos fica muito frequentemente opaca por entre o tom meramente descritivo de muitas notas ou capítulos metodológicos publicados, que muitas vezes se limitam a enunciar

as técnicas usadas e a enumerar algumas características dos interlocutores a elas sujeitos. Dilemas e dificuldades, relutâncias e fracassos, intuições e improvisos, não raramente são escondidos ou disfarçados, como se fosse possível, sequer aconselhável, tentar abreviar a zero as perturbações, os desvios de rotas, as flutuações e inconstâncias de qualquer processo de pesquisa. O facto é que qualquer pesquisa não é, apenas e só, uma história de sucessos. Todos o sabem, mas poucos o discutem.

Não ter medo de reconhecer e discutir publicamente as instabilidades em cada processo de pesquisa revela, por parte do investigador, cuidada atenção à forma como o percurso de investigação está a decorrer, uma atitude de reflexividade metodológica constante, enquanto ato contínuo de pensar a pesquisa a partir dos contextos da sua produção, do lugar tomado pelo investigador, e do lugar a ele atribuído pelos sujeitos investigados. Manifesta também sensatez e maturidade enquanto pesquisador, ao tentar corrigir o que não está a correr bem. Invisibilizar os altos e baixos e o constante vaivém do processo de pesquisa é uma atitude que acaba por potenciar a replicação de «erros» que poderiam ser evitados por outros incautos, caso estes tivessem sido previamente sensibilizados para a probabilidade da sua ocorrência. E, neste sentido, há que reconhecer, e até enaltecer, o estatuto epistemológico do «erro», na medida em que os lapsos, falhanços e frustrações no trabalho de campo são episódios que muito podem ensinar o investigador sobre aspetos cruciais dos seus temas de pesquisa (Honkasalo 2005, 142).

Por fim, este livro espelha um conjunto de exercícios de reflexividade metodológica de investigadores sobre os efeitos da presença de sobre si em contextos de investigação juvenilizados. Quem está a investigar está em relação social, não sendo neutros os efeitos da sua presença nas condições de aplicação e operacionalização do método. Efeitos não apenas enquanto investigador, decorrentes das várias decisões que vai tomando no decorrer da sua pesquisa empírica, mas também enquanto pessoa, nos vários estatutos que assume e que lhe são atribuídos pelos jovens, afetando o processo de pesquisa e os seus resultados. Ele é também as suas características pessoais, os seus atributos sociais (de idade, género, classe social, estatuto profissional, *insider* ou *outsider* no terrenos, etc.), de apresentação de si, e os estereótipos e expectativas que sobre si recaem.

Como este conjunto de textos mostra, é importante clarificar e discutir esses efeitos, tantas vezes camuflados por entre as rotinas produtivas (que também acontecem na produção de ciência) e as naturalizações da presença de si no terreno. Só através de exercícios deste tipo, de desconstrução e autorreflexividade sobre o desempenho de papel do investigador

Caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens: uma apresentação

como pessoa, integrados num exercício de reflexividade metodológica mais lato que desvele o mundo real do seu contexto de pesquisa, o investigador compreenderá melhor as formas e os conteúdos do que os jovens lhe transmitem. Isto porque, em última instância, é trazendo à tona as particularidades da construção de cada caminho de pesquisa que as notas metodológicas se transformam, realmente, em apontamentos de metodologia, enquanto área que estuda a articulação entre teorias, técnicas e sujeitos de investigação.²